

09 JAN 1991

VILLAS-BÔAS CORRÉA

Ensaio geral



Esamos vivendo um instante de expectativa nervosa que parece de véspera de estréia de temporada, quando toda a companhia padece as angústias das dúvidas quanto à reação do público e sempre desconfia que a diferença entre o êxito e o fracasso pousa no imponderável.

Acontece que nem o governo está se instalando nem Congresso e partidos aguardam a hora de abrir a cortina para começar a peça. A ilusão salta de um equívoco do elenco, não da platéia. Pois o governo, depois de dez meses de traquinadas e estouvamentos, está diante de prazo curto e fatal para assumir seu papel. Não pode errar mais, não deve repetir equívocos palmares que desgastaram sua imagem até a deformação do esboço: tem-se a impressão que treina para submeter-se à prova que não começou.

O coitado do Congresso foi chamado às pressas para atender a emergência. Retornou à ribalta, como ator aposentado que se recruta para tapar buraco. Congresso em fim de linha, quase uma ficção ou um fantasma, a ocupar o lugar do renovado pelo voto, ainda que minoritário, maculado pelo repúdio dos índices de abstenção, de votos nulos e em branco. Portanto, Congresso que ocupa o lugar que não é mais seu. Daí seu ar ressabiado de quem receia a vaia e como que se espanta de estar sendo tão bem pago para bisar número que desagradou durante quatro anos de exibição compulsória.

Ora, o governo não tem tempo a perder. Já cometeu desperdícios além dos limites da imprudência. Não é que não tenha feito nada. Ao contrário, fez coisas de mais, deixou de fazer outras tantas. Tudo, entretanto, com o jeito de quem improvisa, não mede consequência, está em fase de experiência. Teima aqui, desdiz-se acolá. Promete além de suas forças, calcula mal, anuncia resultados aquém da realidade.

Ressente-se o governo, e cada vez mais, da falta de quadros. Sua retaguarda é precária e instável, oscila aos ventos das circunstâncias. Certos encantos da empreitada solitária e aventureira do presidente Collor de Mello exibem o reverso da sua fragilidade. O governo tem a leveza do ser etéreo. O núcleo original, reduzido e fechado, não conquista adesões e ainda perde algumas miçangas alagoanas. O que conseguiu atrair, francamente...

A uma semana de emplacar dez meses de exercício do mandato, faltando dois para fechar o primeiro ano, não cataloga êxitos suficientes para preencher o programa comemorativo. O que se observa, com evidente preocupação, é o governo afobado em bater meias-solas nos rombos da imprevidência. A inflação resiste a todas as aperturas e sua bronzeada equipe econômica desembarca dos iates do espichado e caprichado reveillon milionário nas praias e mares de Angra dos Reis para reunião de emergência,

entre cortada de risos nervosos e do anúncio de remendos no plano de salvação. Os resultados, até aqui, estão abaixo das esperanças e jactâncias. A ponto de, a cada novo índice decepcionante, chovem desculpas, dedoduragem de novos culpados e até a confissão amarga da frustração. Agora, como vamos mudar o modelo do índice de medição inflacionária, as coisas devem melhorar.

Vamos falar sério. O governo não pode desembarcar no primeiro ano de mandato com a casa em desordem e a balbuciar explicações. O ensaio geral para a reformulação do espetáculo termina, impreterivelmente, a 15 de março, com a posse dos novos governos e o inicio da temporada do segundo dos cinco anos de mandato. E olhe lá que a 1º de fevereiro, com a instalação do Congresso, já estaremos vivendo novo tempo.

Se o governo, sob muitos aspectos, leva o jeito de que ainda não começou para valer, o Congresso, os partidos, a oposição debatem-se na maior bagunça.

Assim não dá. Não se arruma governo sem oposição atuante e estruturada e sem Congresso que se possa levar a sério.

A crise oposicionista grassa como praga por todo o leque de legendas da sua múltipla variedade. Suas lideranças mais qualificadas curtem embarracosos problemas existenciais. Eleito governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola tem um recado a dar e uma óbvia prioridade a atender. Desarvorada com a degringolada do experimento socialista, sua facção mais à esquerda percorre o itinerário da dúvida e busca respostas na análise psicanalítica ou nos terreiros dos candomblés. Desde a derrota, Lula desatinou e envolveu-se com o PT em chilique depressivo. O mais grave dos sintomas da enfermidade da liderança petista está na renúncia aos instrumentos de luta. Ao invés da arma poderosa de mandatos parlamentares, Lula preferiu o estilingue para alvejar vidraças nas portas de fábrica.

Qualquer que seja o balanço da convocação extraordinária do Congresso, refletirá dados precários, assim como de um teste do faz-de-conta. Pois não se pode tratar com a gravidade solene de um confronto entre governo e Legislativo as votações de Congresso expirante e tal mal-afamado, com reputação corroída pelos desregimentos e o caçoete da malandragem.

Lá é verdade que o Congresso pode criar grandes embaraços ao governo. De qualquer modo, é tempo de espera. Com 10 meses de marcha o governo marca passo e ensaia para acertar a cadêncie.

Amparado pelo calendário, ao Congresso resta a alegação de que estreará nova roupagem no mês que vem.

Entre os festejos de fim de ano e o carnaval o disfarce do ensaio mascara a realidade.

Dentro de, no máximo, dois meses, governo, Congresso, partidos e oposição têm que estar a postos para o começar do espetáculo. Que diabo, chega de ensaio.